

Literacia dos Media, Redes Sociais e Ambiente Web 2.0

BELINHA DE ABREU

Drexel University, Philadelphia, Pennsylvania, USA

bdeabreu@drexel.edu

Resumo:

Vivemos hoje num mundo repleto de media que continua a crescer a cada inovação tecnológica. Hoje, os media não são simplesmente a televisão ou os filmes a que assistimos, mas os sites de redes sociais que visitamos e usamos para interagir com os outros. Facebook, Twitter, Second Life, ou outras as comunidades digitais introduzem um novo paradigma: o interactivo; onde o utilizador já não recebe passivamente a informação, mas se envolve no seu processo criativo.

O mundo apresenta-se totalmente diferente no que toca ao ver e ouvir, tendo alargado as nossas ligações globais e criado o que algumas pessoas chamam uma geração de 'multitaskers', e também nos oferece uma nova visão de mundo. Onde quer que se vá - aeroportos, comboios, praças, lojas e escolas - a tecnologia está a ser usada por adultos e crianças. O telemóvel, com todos os seus novos recursos, conhecidos como "apps", ou o acesso aos sítios de rede social, são apenas algumas das formas que os indivíduos usam para "estar ligados".

Com todas essas mudanças, tornou-se mais importante, e mais urgente, conhecer o que as crianças vêem e aprendem. Através da utilização de estratégias de alfabetização, como podemos implementar programas de criação de conteúdos criativos, a que hoje chamamos de Web 2.0 e de outras redes participativas, a fim de fomentar o pensamento crítico entre os nossos alunos? Simultaneamente, como podemos nós usar essas habilidades para formar educadores confiantes e dispostos a implementar estratégias de literacia dos media? Como podem as escolas trazer as tecnologias que os alunos estão a usar fora do ambiente escolar para a sala de aula, estabelecendo pontes de a aprendizagem nas mesmas?

O objectivo deste texto é confrontar aquilo que sabemos sobre os media e destacar a Literacia dos Media como fundamento do pensamento, para, em seguida, fazer a ligação com o mundo tecnológico e incluir as redes sociais e os ambientes Web 2.0.

Palavras-chave:

Literacia dos Media; redes sociais; ambiente Web 2.0

*"Educação para os media fornece os conhecimentos essenciais e as ferramentas analíticas que permitem que as audiências mediáticas funcionar como cidadãos autónomos e racionais, que lhes permita fazer uso dos meios de comunicação informaram Literacia mediática é um dos principais novos instrumentos que proporcionam aos cidadãos as competências de que necessitam para encontrar um sentido no fluxo esmagador de informação, tanto dos media quotidianos e, em particular, dos novos meios de comunicação e informação. Estas forças estão a remodelar os valores tradicionais, enquanto se transformam em novas formas contemporâneas de entender a vida, a sociedade e a cultura." Thomas Tufte (ed.) and Florencia Enghel, ed. **The International Clearinghouse on Children, Youth and Media's Yearbook 2009, November 2009.***

Pelo que sabemos do uso que os estudantes fazem das redes sociais, pode-se afirmar que eles estão online e em comunicação constante. Mas o que é que eles estão a aprender enquanto usam estas plataformas? Há uma diferença entre o estudante que se senta para jogar um jogo e um estudante que avalia criticamente as informações que recolhe online. A alfabetização mediática fornece as ferramentas para a aprendizagem que permite a discussão da Web 2.0 e das redes sociais de forma a que a sua utilização seja útil e produtiva.

Na sua forma mais simples, essas ligações na Internet são media. Eles estão em plataformas de computador e nas tecnologias móveis e estão por toda parte. O seu crescimento continuo com as novas tecnologias inovadoras e com a corrida para fazer melhor, mais rápido, e o mais novo aparelho que irá atrair a atenção de uma multidão de utilizadores. O iPad foi introduzido na sociedade com grande pompa e grande trepidação (Pogue, 2010). Há aqueles que acham que vai mudar o mundo que nós comunicamos pelo uso de livros e outros materiais. Há ainda outros que vêem o potencial para questões que precisam ser tratadas à medida que o dispositivo cresce em popularidade. Na sala de aula, a mudança para a utilização de tecnologias e aparelhos que são adaptáveis a esse ambiente já começou. Há escolas que estão a começar a conversão de livros didácticos em e-books e outros ainda que estão a pensar em ter estudantes a adquirir o Kindle e a colocar todos os seus livros nesta pequena ferramenta (*School Administrator*, 2009). No entanto, estas são apenas as funções de disponibilização das versões impressas em novas plataformas. A apropriação dessas plataformas nas áreas do currículo é o lugar onde a maioria dos educadores estão a apostar para ver o seu valor e compreender a sua colocação.

A literacia dos media pode ajudar na aprendizagem dos alunos, enquanto investiga essas novas plataformas, de três formas: no estímulo do pensamento crítico, na alfabetização crítica, na criação e colaboração na produção de conteúdos.

Pensamento Crítico

A palavra "crítica" sugere a avaliação cuidadosa e exacta, e o julgamento dos elementos à nossa volta (Paulo, 1995). A compreensão crítica é necessária em todas as áreas, mas o mais importante para a compreensão da palavra escrita, é, no caso das crianças de hoje, o mundo visual. Para esta geração de estudantes, o mundo visual consiste num mundo mediado que é documentado por anúncios e uma variedade de símbolos que podem ser encontrados na televisão, em jornais, em revistas, em filmes, na música e, mais recentemente, na Internet.

A palavra "crítica" descreve a atitude adoptada para avaliar diferentes informações. Essa atitude é mais apropriadamente descrita como "avaliação independente", o que significa que se pesa a racionalidade da totalidade dos dados, e assim por diante, antes de se aceitar ou rejeitar (Norris, 1985). Como indivíduos, nós olhamos para o mundo e todas as mensagens apresentadas diariamente, sejam elas escritas, visuais ou orais. Cada um desses pedaços de informação que recolhemos numa base diária se torna uma parte do nosso ser e transforma o nosso pensamento. O nosso processo de pensamento, entretanto, é limitado, por vezes, ao que vemos. Quando

processamos estas ideais quotidianas, não estamos a pensar em sermos críticos, contudo a necessidade de o sermos é mais relevante do que nunca (Considine, 2002). Ser crítico faz parte do nosso crescimento e transforma as nossas ideias através do continuum espaço e no tempo das nossas vidas. O pensamento crítico e a literacia são fundamentais em campos tão distintos que vão da medicina à educação. É considerado por muitos profissionais em várias áreas como parte necessária para a compreensão da diversidade de ideias e do funcionamento da na nossa sociedade (Facione, 1998).

Em todas as definições apresentadas, o pensamento crítico traduz-se na forma como o indivíduo pensa profundamente. Esta requer o uso de conhecimento e inteligência para chegar a uma conclusão razoável.

Bloom, Englehart, Furst, Hill & Krathwohl (1956) foram os primeiros a definir claramente o domínio cognitivo em níveis de pensamento, através da criação de uma taxonomia de objetivos educacionais. Segundo Bloom et al. (1956), os níveis de desempenho intelectual de aprendizagem são o conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação. O nível "conhecimento" envolve o entendimento mais básico dos conceitos, seja factos ou terminologia específica ou abstrações. Neste nível, o estudante pode ser convidado a contar, listar, descrever, relacionar. A "Compreensão" é o entendimento do material informativo apresentado através de uma variedade de textos, (embora a ideia original do texto esteja relacionada com imprimir), e traduzir as ideias anteriores pelas suas próprias palavras, explicando, interpretando, discutindo. A "Aplicação" é o uso de informações anteriormente aprendidas, a fim de resolver problemas. A "Análise" é a tomada de cada componente do texto de forma individualizada, de modo que as suposições e conclusões podem ser avaliadas. A "Síntese" é a capacidade de tomar as peças individuais analisadas e combinar de modo a que formem um conceito novo e original. Os verbos que ajudam a distinguir este conceito são criar, inventar, prever. A "Avaliação" é o julgamento de matérias com base em valores, opiniões ou resultados de um inquérito (Bloom, Englehart, Furst, Hill & Krathwohl, 1956).

Petress (2004), na sua revisão de definições sobre o pensamento crítico, observou que o que o "como" era o menos estudado. A definição não é clara sobre como o indivíduo iria examinar pressupostos, e que perspectiva um indivíduo tomaria para chegar às conclusões. Petress sugere que o pensamento crítico é baseado em noções preconcebidas e em modas. O pensamento crítico pressupõe olhar para "o outro lado". Para que o pensamento crítico seja considerado reflectido, o indivíduo deveria manter a mente aberta, ainda que cética. O objetivo do pensamento crítico é a de não aceitar tudo pelo valor de face, mas não assumir igualmente que tudo é inválido (Petress, 2004).

Halperin (1996) avalia o processo de pensamento necessário para o pensamento crítico, sugerindo que o mesmo precisa de ser direcionado para um resultado desejado. O raciocínio para uma conclusão como é feito é tão importante quanto a avaliação do texto. Entender o processo pelo qual se alcança determinado entendimento e a sua finalidade é o pensamento crítico. Na definição de Halperin (1996) há uma indicação óbvia de que o tempo, energia, habilidade e dedicação são necessários para o pensamento crítico ser uma parte de nossas habilidades cognitivas. Irwin (2007) concorda que a meta-cognição é um aspecto importante do pensamento crítico. A capacidade de ser auto-reflexiva e agir sobre o conhecimento da cognição para modificar os processos e estratégias é outra maneira de avaliar o pensamento crítico.

Existem vários pontos em comum nas definições de pensamento crítico. Os autores acreditam que o pensamento crítico integra a aprendizagem. Todos acreditam que a análise e a avaliação são os processos que mais promovem o pensamento de ordem superior. Mais importante, o pensamento crítico parece ser lógico e necessário para a livre expressão e interpretação de uma variedade de textos.

A literacia mediática exige pensamento crítico. Kubey (2002) indicou que a análise e avaliação são fundamentais para a literacia mediática. No caso da literacia mediática, a "análise" sobre a detecção de propaganda é um preconceito, mas também envolve as habilidades de detectar a construção de uma grande variedade de mensagens dos órgãos de comunicação social, bem como a forma como os mesmos constroem a realidade para o espectador. Por exemplo, os telespectadores poderiam reconhecer que certos programas mostram viés relativamente a determinados grupos ou que os anunciantes usam técnicas propagandísticas específicas (Hobbs, 1996). Além disso, Kubey (2002) estabelece para os adultos jovens, há uma necessidade de aprender a forma como os meios de comunicação constroem representações da realidade e distorcem a nossa compreensão das questões, produtos, pessoas, sexo, raça etc. As imagens e mensagens apresentadas na televisão, imagens ou propagandas são constantes e contínuas. Estes textos mediáticos são importantes para o quotidiano dos adolescentes, mas a educação sobre essas mensagens é inconsistente nas escolas (Kubey, 2002).

A "Avaliação" em literacia mediática é descrita como "aprender a avaliar o valor de produtos de media para si e para sua sociedade", que pode levar mais tarde à autonomia na avaliação dos meios de comunicação de mensagens (Kubey 2002). Aprender a avaliar os *media* em termos de clareza, precisão e credibilidade ajuda os alunos a participar de forma mais crítica, interpretativa, e avaliativa dos meios de comunicação (Considine, 2002).

Na literacia dos media, cada um desses termos é utilizado como sinónimo para análise, conforme definido por Bloom. Esta abordagem ao pensamento crítico permite aos estudantes incorporar a sua própria compreensão e interpretação do que vêem, ouvem, leem e veem; tendo ao mesmo tempo, em conta o motivo pelo qual sentem prazer com um programa de cinema, ou com outros meios de comunicação (Considine, 2002).

Um dos objetivos da literacia mediática é ensinar os alunos a pensarem criticamente sobre todos os formatos de *media* textual. Martin (2003) afirma, "a visão crítica tem um lugar legítimo e promete pedagogia na sala de aula" (p. 289). As crianças são regularmente expostas a mensagens em que a intenção é manipular a sua opinião. Assim, aprender a avaliar as suas respostas é importante. As crianças podem ser encorajadas a explorar o que motiva as suas reações, e as técnicas utilizadas para manipular as suas acções (Martin, 2003).

Além disso, Silverblatt (2001) sugere que "a análise assume-se como um ponto de referência que pauta a experiência pessoal, e através da qual os indivíduos podem avaliar o impacto das mensagens sobre suas atitudes, valores, estilos de vida e decisões pessoais." (p. 66). O conhecimento prévio de cada criança sobre um determinado tópico determina a abundância de análise crítica imposta ou a falta dela. O contexto em que uma criança é educada tem impacto na forma como uma mensagem de texto ou é visto e interpretado devido à formação religiosa, económica, política ou cultural. Por exemplo, os alunos chegam com várias origens em muitas áreas. Esses fundos são aplicados para a leitura e compreensão de texto. A gama de conhecimento é menor no ensino fundamental, mas como eles se movem no sentido do ensino médio que tem mudado muito por causa da exposição dos alunos a uma variedade de textos. Isso não significa necessariamente que o que eles sabem que é preciso ou que cada aluno teve a mesma quantidade de conhecimentos, mas isso significa que suas experiências são maiores (Kane, 2003). Embora esta referência seja na maior parte dos recursos de impressão, o mesmo se aplica aos *media*. Os alunos são expostos a altos volumes de mensagens mediadas, e que influencia tremendamente o seu conhecimento de fundo sobre o mundo que os rodeia. A Kaiser Family Foundation conclui que, a nível nacional, uma família vê televisão, em média, sete horas por dia. Recentemente, o tempo que as famílias gastam com os meios de comunicação, incluindo telemóveis e computadores em geral, aumentou para quase dez horas por dia (Rideout, Foehr, & Roberts, 2010 & 2005). Com muito

poucas pessoas desafiando as mensagens dirigidas aos nossos jovens, aumenta a necessidade de pensamento crítico.

Alfabetização Crítica

A alfabetização crítica é a praxis. Os indivíduos processam informações e focam-se activamente nas questões apresentadas em qualquer texto, o que lhes dá poder sobre essa informação (Freire, 1970).

A alfabetização crítica envolve o significado textual tomado como um processo de construção e não a sua exegese; ou seja, infunde sentido a um texto, em vez de dele extrair um significado (Cervetti, Paradales e Damico, 2001). Diferente do pensamento crítico, a alfabetização crítica tem um fundo de teoria social que está fundamentada na teoria da opressão e exploração (Freire 1970, Shor, 1999). A luta pelo poder, estado, sabedoria, o conhecimento e a exploração econômica são partes dessa ideia de alfabetização crítica. A crença é que através da crítica, o significado latente da linguagem pode ser exposto e reconstruído, revelando assim a crença errônea. Há uma preocupação com o quadro social de como a palavra do idioma é imposta, como o significado é derivado, e como o mundo é afetado ao longo do tempo pela linguagem (Cervetti, Paradales e Damico, 2001).

A alfabetização crítica é sobre a transformação da história, mudando o que dizemos e aquilo que fazemos e como o fazemos, é tudo uma parte desse método de leitura e escrita do mundo. A alfabetização crítica é a ação social. Trata-se de contestar o discurso tradicional regularmente e compreender que existe sempre uma intenção subjacente a esse discurso. Esta forma de alfabetização exige questionamento por parte do indivíduo e a utilização da linguagem para questionar o poder e o conhecimento dominante na sociedade.

Alfabetização crítica, portanto, desafia condição, é um esforço para descobrir caminhos alternativos para o desenvolvimento pessoal e social. É uma espécie de alfabetização - as palavras repensam mundos. Auto-dissidente na sociedade conecta o político e o pessoal, o público e o privado, o global e o local, o econômico e o pedagógico, de repensar nossas vidas e para a promoção da justiça ao invés da desigualdade (Shor, 1999).

Alfabetização crítica é um conceito polémico entre os educadores. "Para ser alfabetizado não é preciso ser livre; apenas estar presente e ativo na luta pela reivindicação da própria voz, da própria história e do futuro" (Freire e Macedo, 1987) Para que isso aconteça o sistema de ensino e a aprendizagem deve tornam-se ativos, e os alunos não podem ser crentes passivos de matérias que são ensinadas nas sala de aula. A consciência do mundo precisa ser aparente e explorada com tanto rigor como aprender a ler o texto. Freire e Macedo (1987) escrevem sobre essa necessidade de ler o mundo de modo que o contexto não seja limitado à palavra, mas possa ser descrito como um motivador para o pensamento universal e para politizar a nossa forma de aceitar todos os elementos da sociedade. A alfabetização crítica, exige que os professores sejam preparados para ensinar aos alunos um novo conjunto de competências, que lhes permitam localizar, analisar, avaliar e sintetizar a vasta quantidade de informação disponível. De muitas maneiras, os alunos devem fazer parte da era da informação, sendo gestores de informação (Shapiro & Hughes, 1996).

A alfabetização crítica visa compreender o problema em toda sua complexidade. Ele pede ao espectador/leitor para levantar questões e buscar explicações alternativas para qualquer situação. Portanto, a alfabetização crítica é um formato dinâmico de ensino e aprendizagem. Isso requer que aluno e professor sejam "quebradores de códigos", ou seja, fabricantes, utilizadores de texto e textos críticos. Além disso, a alfabetização crítica exige que o aluno analise todas as informações usando uma variedade de perspectivas, descobrindo diversas crenças ao avaliar as posições tomadas pelo utilizador e pelo produtor. Alfabetização crítica também pede ao utilizador que considere o texto em

falta no texto, analisando quem ou o que não está representado nas informações fornecidas (McLaughlin e DeVogd, 2005).

Aqueles que são ativistas no campo da literacia mediática concordam plenamente que a literacia mediática é importante para mudar o paradigma político. Semelhante à alfabetização crítica, a literacia mediática incorpora o ensino da justiça social e a explicação de viés, mostrando que os conglomerados de *media* estão impondo o seu pensamento sobre a psique do público e mostrando como os anunciantes e as empresas de *media* são poderosos. Embora os exemplos citados são conversas típicas no domínio da literacia mediática, esta é realmente a alfabetização crítica, como descrito por Freire (1970), Shor (1999), Cervetti, Paradales e Damico (2001). Os autores discutem a alfabetização crítica, desafiando a condição ou o que é considerado normal, num esforço para descobrir caminhos alternativos para o desenvolvimento pessoal e social. Este tipo de alfabetização, Shor (1999) afirma, "palavras repensar mundos, auto dissidentes na sociedade - conecta o político e o pessoal, o público e o privado, o global e o local, o econômico e o pedagógico, para repensar a nossa vidas e para a promoção da justiça em vez da desigualdade" (p.1). Na literacia mediática tal é considerado ativismo e uma parte importante do ensino da alfabetização (Lewis & Jhally, 1998).

Nas escolas, a alfabetização crítica e da literacia mediática teriam sucesso nas aulas de estudos sociais, onde o engajamento cívico pode ser fomentado (Considine, 2002). O pesquisador Shor (1997) concorda com esta abordagem na forma como ele descreve uma educação de John Dewey, que visa encontrar um indivíduo reflexivo democraticamente. John Dewey foi um filósofo Americano, psicólogo e reformador educacional. Suas ideias tiveram grande influência na educação e na reforma social. "Alfabetização crítica de questionar o conhecimento recebido e experiência imediata com o objetivo de lutar contra a desigualdade e desenvolver uma cidadania militante" (Shor, 1997). Trata-se de uma sala de aula, que é onde o professor e o aluno estão envolvidos e participando em debates, onde, por vezes, o aluno é o aluno, mas o inverso é verdadeiro muito mais frequência. A literacia mediática incentiva esse repertório de pensamento. É um compromisso de ideias que faz diminuir o outro, promovendo uma nova perspectiva e a emergência de significados pessoais como ferramenta viável de pensamento (Alvermann & Hagood, 2000a).

Ser alfabetizado no século 21 exige uma mudança no sistema de educação que tem por tanto tempo pouco promoveu o discurso e ainda menos a acomodação do pensamento diverso (Alvermann & Hagood, 2000b). A alfabetização crítica dos *media* preocupa-se com a ideia de prazer, mas também com a influência da cultura na escolha dos meios de comunicação utilizados por todos nós. Donna Alvermann da Universidade de George, explica,

De uma perspectiva dos estudos culturais, a alfabetização crítica dos media está preocupada com a forma como a sociedade e a política são estruturados e trabalho para uma de vantagem ou desvantagens, e como as questões da ideologia, órgãos de poder, gênero e produção de vários artefatos culturais. Numa perspectiva pós-moderna, a crítica diz respeito à literacia mediática como os indivíduos se apropriam de textos culturais de forma diferente, dependendo de seus interesses e posicionamento em diversos contextos sociais e históricos. Finalmente, a partir de uma perspectiva feminista, pedagógica, alfabetização crítica dos media concentra-se na forma como os textos da cultura popular utilizados para produzir uma certa relação de poder e identidades de gênero que os alunos possam aprender a utilizar ou resistir, como parte de suas experiências quotidianas da escola (p. 194).

Esta definição indica e sustenta que os espectadores de todas as idades estão ativos e engajados nos textos da cultura popular são mais interessados, o que, mais uma vez, envolve a ideia de prazer como sendo uma função primária da alfabetização crítica dos media (Considine, 2002). O papel da literacia mediática na área da alfabetização crítica não serve para negar que a cultura popular tem grande importância na vida dos indivíduos, mas para canalizar essa energia para que

possa ajudar a "desvendar os códigos e práticas que promovem o silêncio ou -nos enfraquecem como espectadores, leitores e estudantes em geral "(Alvermann & Hagood, 2000b, p.194).

A alfabetização crítica da mídia fornece promessas e esperança para a compreensão e capacitação, indo do cinismo ao ceticismo e da passividade ao poder, enquanto a porta está aberta para a apresentação de todos os pontos de vista. Para que a literacia midiática seja considerada como alfabetização crítica, todas as vozes devem ser ouvidas. Deve haver um caráter participativo para a linguagem do pensamento e da aprendizagem, porque isso é exatamente o que é sugerido para o ensino de hoje em sala de aula. Alvermann sugere, "Na sala de aula participativa uma mistura de livros, revistas, textos estudante gerados, as produções de hipermedia, visual e assim por diante são utilizadas para dar suporte e ampliar o currículo" (Alvermann, 2001). Isso deve ser verdade do pensamento e das ideias e na obtenção de um equilíbrio entre a direita e a esquerda ou em qualquer lugar, e todos os pensamentos gerados fora deste quadro. Além disso, deve haver conexões com o conhecimento prévio, com a formação cultural e com o contexto comunitário do aluno, para que a alfabetização crítica da mídia seja operante dentro e fora da sala de aula.

A literacia midiática é sem dúvida um processo contínuo de aprendizagem como é o são o pensamento crítico e o letramento crítico. Uma nova definição de literacia midiática pode passar por: A literacia midiática é uma ferramenta para o ensino do pensamento crítico e da alfabetização crítica do ponto de vista de todos os meios de comunicação do século 21, com o objetivo de fornecer competências globais, cívicas, tecnológicas e literacia da informação, encerrando assim a lacuna de conhecimento. A literacia midiática ensina metacognição, curiosidade criativa e intelectual para o desenvolvimento ao longo da vida. É viável até considerar que a literacia midiática pode substituir ou tornar-se o termo genérico para todos as alfabetizações discutidas anteriormente.

Criação

Um dos aspectos mais importantes da literacia midiática é a criação de um produto ou de produção digital ou através de vários programas multimídia. O segundo conceito-chave da literacia midiática "mensagens multimídia são construídas usando uma linguagem criativa com suas próprias regras" encaixa-se diretamente na ideia de alunos aprendendo a usar os programas, plataformas para criar produções midiáticas (Thoman, 1997). Na verdade, esta é a melhor maneira de mostrar aos alunos o quão detalhados são os esforços do criador na produção de qualquer tipo de programa. Ao falar sobre filmes, televisão e outros ambientes midiáticos, a abordagem prática para a criação de mensagens coloca o aluno no papel do web designer, fotógrafo digital, editor, diretor ou produtor. Em essência, isso garante que os alunos se tornem criadores e fornecedores de conteúdo midiático. É uma inversão de papéis, mas é mais educativo, pois obriga os alunos a considerar o público e o ponto de vista que promove a compreensão da mídia.

Ao criar as suas próprias produções, os alunos começam a pensar conceitualmente como os efeitos especiais são projetados e como eles são difíceis de replicar. Por tentativa e erro, os alunos aprendem o que funciona na câmera ou na tela. Como eles são os produtores o que vão apresentar ao leitor ou espectador, é pensado e conceptualizado criticamente enquanto reflexo de como o texto é visto pelo público. Este exercício de aprendizagem permite aos alunos ver como as mensagens são construídos com base na imaginação e na compreensão. Os alunos apropriam-se do que suas mentes podem criar e expressam-se usando uma câmera de vídeo digital, uma câmera de flip, site de rede social, ou qualquer plataforma multimedia. Os alunos têm a capacidade de aprender como usar corretamente uma máquina fotográfica, compreender a composição da foto e depois ver as imagens que captaram. Tudo que eles precisam para processar e criar são as ferramentas, tempo e espaço para que possam explorar. Eles aprendem o funcionamento de vários equipamentos e plataformas digitais, enquanto ao mesmo tempo, percebem que estas peças de produção são difíceis, exigindo

dedicação e colaboração. Eles são, em essência, as vozes e os fabricantes de imagem e uma nova geração de produtores de conteúdos mediáticos. O nível de produção estende-se ao ambiente Web 2.0 como o Animoto, Flixster, Survey Monkey, ou wikis, e redes sociais como Facebook.

A produção de conteúdos mediáticos pode ser feita usando várias ferramentas tecnológicas. Manuscritos e storyboards são os contornos de qualquer programa mediático, produção de vídeo é a ferramenta que projecta a obra, e a edição é o processo editorial que acontece em nossas vidas escrevendo todos os dias. Mas, isso mesmo tenha mudado. Avançámos com o que a produção pode implicar na maioria dos casos agora é no Internet através dos ambientes Web 2.0 ou várias redes sociais. Estas novas tecnologias oferecem uma oportunidade para a mudança reforçada no contexto da sociedade de hoje. Como é evidente, caminhando através das escolas, a luta para manter-se com estas alterações ainda está presente. A tecnologia evolui de forma mais rápida que a educação. Como parte dessa mudança, as novas formas de comunicação são introduzidos com regularidade e, certamente, mais depressa do que nunca. Este fato resulta da forma como a nossa linguagem escrita e oral se alterou significativamente nos últimos três anos. Usamos hoje 'google' como um verbo na nossa conversação, em vez de apenas como substantivo em 'Go google it. "Apesar de ainda falar sobre wikis, podcasting e blogs, falamos mais sobre o Facebook, iPad, e "texting." Antes, gostaríamos de discutir a inclusão digital em termos de tecnologia e economia, agora olhamos para a mesma como uma desconexão de falta de comunicação de aluno para aluno e adultos para o aluno e de vice-versa (Prensky, 2001). As mudanças na tecnologia implicam que as escolas se devem familiarizar com o novo jargão e com as novas plataformas, para os integrar mais profundamente dentro da sua estrutura curricular.

Por outro lado essas tecnologias envolvem tempo e dinheiro. As escolas não podem ter o equipamento para usar qualquer um desses produtos. Além disso, os educadores não estão equipados com o conhecimento sobre utilização desse equipamento e instruindo os alunos sobre seu uso. Este é o reflexo do comentário feito por George Lucas,

Quando as pessoas falam comigo sobre o fosso digital, penso não ser tanto sobre quem tem acesso ao que a tecnologia é como sobre quem sabe como criar e expressar-se na nova linguagem da tela. Se os alunos não aprendem a língua de sons e imagens, elas não deveriam ser considerados analfabetizados, como é que se deixa a escola sem ser capaz de ler e escrever? (Daly, 2004).

Este é um daqueles casos em que o melhor modelo para a educação é apenas para entrar e experimentar. Cometer erros torna-se uma parte da aprendizagem e os melhores professores são os alunos (Buckingham 2003; Considine, 2002).

Colaboração

Colaboração na sala de aula no século 21 é essencial para a progressão continuada da literacia mediática. Sem dúvida, é um outro resultado importante da alfabetização mediática. Nas produções, muitas pessoas trabalham em conjunto. Quer seja no desenvolvimento de um projeto de vídeo ou trabalhar numa wiki, existem muitos papéis que podem ser delineados. Ao criar uma produção de vídeo esses papéis parecem ser óbvios: operador de câmara, roteirista, adereços, iluminação ou talento. O mesmo acontece quando se utiliza os ambientes web 2.0 ou outro programa baseado no Internet. Alguém pode assumir a liderança e coordenar as páginas a desenvolver.

Dominar as habilidades de colaboração exige a capacidade de os alunos possam trabalhar com uma infinidade de diferentes pessoas de diferentes origens de forma eficaz. Os alunos aprendem a fazer concessões necessárias a fim de prosseguir a sua aprendizagem e alcançar o resultado final de seus projetos finais.

Uma das melhores definições de colaboração veio de um ex-aluno meu que colocou de forma muito sucinta: "A colaboração é intencionalmente projetada, desenvolvida num conjunto de trabalho cooperativo entre dois ou mais participantes em que os objetivos, e responsabilidades são compartilhadas." No âmbito dos meios de comunicação a alfabetização abre a porta à promoção das experiências dos alunos através da utilização dos meios de comunicação e, ao mesmo tempo crescer o seu sentimento de autonomia através do trabalho de grupo.

A força de trabalho de hoje exige que os alunos sejam capazes de trabalhar neste contexto colaborativo. Como os tempos mudaram, o resultado final é que aqueles que têm sucesso na nossa mudança dos tempos econômicos são aqueles que podem ser adaptáveis, flexíveis e funcionam bem com outras pessoas com um objetivo comum em mente. A alfabetização mediática através da fase de produção, proporciona aos alunos uma experiência do mundo real que pode ajudá-los em seu futuro. Em última análise, trabalhar de maneira colaborativa beneficia os alunos de muitas maneiras: aumenta a motivação dos alunos, aumenta o desempenho acadêmico, incentiva a aprendizagem ativa, ajuda a preparar os alunos para a sociedade de hoje, melhora o aluno auto-confiança; amplia rede de amigos, melhora a comunicação e ajuda a criar ambiente de aprendizagem inclusiva (Hamm & Adams, 1992). Mais importante ainda, a colaboração oferece uma oportunidade ou "momento de aprendizado", no qual os alunos são alertados para a importância de encontrar um terreno comum ao utilizar o processo democrático.

Por último, a maior modificação no processo de pensamento crítico e alterar significativamente o que leva à razão pela qual as redes sociais e ambientes Web 2.0 têm um lugar dentro de literacia mediática, é a mudança na taxonomia de Bloom. A terminologia que foi considerada passiva é alterada para uma voz mais ativa e reflete as tendências atuais de ferramentas tecnológicas usando verbos em vez de substantivos: criação, avaliação, aplicação, compreensão e memória. Esta nova forma de pensar da Taxonomia de Bloom encaixa-se bem na cultura participativa de hoje, onde papel dos meios de comunicação passa por dinamizar a alfabetização.

Referências

- Alvermann, D. (October 25, 2001). Effective literacy instruction for adolescents. Paper presented at the
the
National Reading Conference.
- Alvermann, D.E., & Hagood, M.C. (2000a). Fandom and critical media literacy. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 43(5), 436-446.
- Alvermann, D.E., & Hagood, M.C. (2000b). Critical media literacy: Research, theory, and practice in "new times." *Journal of Educational Research*, 93(3), 193-205.
- Bloom, B., Englehart, M., Furst, E., Hill, W., & Krathwohl, D. (1956). *Taxonomy of educational objectives: The classification of educational goals. Handbook 1: Cognitive Domain*. New York, Toronto: Longmans, Green.
- Buckingham, D. (2003). *Media education literacy, learning and contemporary culture*. Malden, MA: Blackwell.
- Cervetti, G., Pardales, M.J., & Damico, J.S. (April 2001). A tale of differences: Comparing the traditions, perspectives, and educational goals of critical reading and critical literacy. *Reading Online*, 4(9). Available: http://www.readingonline.org/articles/art_index.asp?HREF=/articles/cervetti/index.html.
- Considine, D. (October, 2002). Putting the ME in media literacy. *Middle Ground: The Magazine of Middle Level Education*, 6, 15-21.
- Daly, J. (September 2004). "Life on the screen: Visual literacy in education." *Edutopia*. Retrieved: <http://www.edutopia.org/life-screen>.
- Facione, P. (1998). Critical thinking: what it is and why it counts? *California Academic Press*. (n.p.).
- Freire, P. (1970). *Pedagogy of the oppressed*. (pp.35-43). New York: Continuum Publishers.
- Freire, P. and Macedo, D. (1987). *Literacy: Reading the word and the world*. South Hadley, MA: Bergin and Garvey, 23-35.
- Halpern, D. F. (1996). *Thought and knowledge: An introduction to critical thinking*. Mahwah, NJ: Erlbaum Associates, 11-20.
- Hamm, M., & Adams, D. (1992). *The Collaborative Dimensions of Learning*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corp.
- Hobbs, R. (1996). Expanding the concept of literacy. In R. Kubey (Ed.), *Media literacy in the Information Age*. New York: Transaction Press, 163 -186.

- Irwin, J. (2006). Teaching reading comprehension processes, 3rd Edition. New York: Allyn & Bacon/Merrill Education.
- Kane, S. (2003). *Literacy learning in the content areas*. Scottsdale, AZ: Holcomb Hathaway, 93-9.
- Kubey, R. (2002). Think. Interpret. Create. How media education promotes critical thinking, democracy, health, and aesthetic appreciation. *Cable in the Classroom*.
- Lewis, J. and Jhally, S. (Winter 1998). The struggle over media literacy. *Journal of Communication*, 48(1), 2-8.
- McLaughlin, M. & DeVoogd, G. (2005). *Critical literacy: Enhancing students' comprehension of text*. New York: Scholastic, 5-10.
- Martin, S. (July/August 2003). Close the book. It's time to read. *Clearing House*, 76(6), 289-291.
- Norris, S. (May 8, 1985). "Synthesis of research on critical thinking. *Educational Leadership*, 42(8), 40-45.
- Paul, R. (1995). *Critical thinking: How to prepare students for a rapidly changing world*. CA: Dillon Beach: Foundation For Critical Thinking, Appendix B, 521-552.
- Petress, K. (March 1, 2004). Critical thinking: An extended definition. *Education*, 124(3) 461-467.
- Pogue, D. (March 31, 2010). "Looking at the iPad from two angles." *The New York Times*. Retrieved from: <http://www.nytimes.com/2010/04/01/technology/personaltech/01pogue.html>.
- Prensky, M. (October 2001). "Digital native, digital immigrants." *On the Horizon*, MCB University Press, 9(5).
- Rideout, V.J., Foehr, U.G., and Roberts, D. F. (January 2010). "Generation M2: Media in the lives of 8- to 18-Year Olds." *Kaiser Family Foundation*.
- Scheibe, C. (September 2004). A deeper sense of literacy: curriculum-driven approaches to Media Literacy in the K-12 classroom. *American Behavioral Scientist*, 48(1), 60-68.
- Scholastic Administrator*. (September/October 2009). "Will the Kindle change education? E-book reader advances are pushing printed textbooks closer to extinction." Retrieved from: <http://www2.scholastic.com/browse/article.jsp?id=3752572>.
- Shapiro, J. J., & Hughes, S. K. (1996). "Information technology as a liberal art: Enlightenment proposals for a new curriculum." *Educom Review*. 31(2), 31-35.
- Shor, I. (1999). *What is Critical Literacy? Critical Literacy in Action*. New York: Heinemann Press. Retrieved from: <http://www.lesley.edu/journals/jppp/4/shor.html>.
- Silverblatt, A. (2000). Media literacy in the digital Age. *Reading Online*, 4(3). Available:

<http://tinyurl.com/6ejbuss>.

Silverblatt, A. (2001). *Media literacy: Keys to interpreting media messages*. Westport, CT: Praeger. 2-9.

Thoman, E. (1997). "Skills and strategies for media education." *Center for Media Literacy*. Los Angeles,

CA. Retrieved: <http://www.medialit.org/reading-room/skills-strategies-media-education>.